

Segunda parte do Painel

Debate

Helena Roseta

Queria agradecer esta comunicação que faz muito sentido no fecho dos nossos trabalhos porque não há duvida nenhuma que a questão da literacia, e a Helena Cidade de Moura trouxe aqui uma proposta que poderíamos tentar colocar nas conclusões do nosso plenário, que é considerar a literacia como um novo direito social e eu acrescentaria que isso implica considerar o direito a uma segunda oportunidade de estudo um novo direito social também que está ligado ao direito à literacia, porque nós sabemos que para além do sistema de ensino não produzir o resultado que nós queremos, temos a mais alta taxa de abandono escolar precoce da Europa e as mais baixas taxas de formação.

Portanto temos muita gente que já está fora do sistema de ensino e que não adquiriu as competências básicas e nós não podemos desistir dessas pessoas.

E acho que conjugando esta proposta da Helena com esta circunstância de termos um panorama de tanta gente que não conseguiu adquirir as competências básicas, devia ser tomado por nós como um novo direito social para uma democracia de alta intensidade. Porque só teremos uma democracia de alta intensidade se tivermos cidadãos mais competentes, mais sabedores, mais críticos, mais conhecedores e agradeço à Helena esse contributo.

Acho que podemos consumir alguns minutos para gerar aqui algum debate.

Maria Alberto Branco

Eu acrescentava à segunda oportunidade da literacia, as condições para o exercício da segunda oportunidade da literacia e aqui estou a remeter para as intervenções que foram feitas em relação à problemática da situação das mulheres.

É muito importante a questão da literacia mas é preciso dar as condições para que de facto possa haver uma segunda oportunidade para que seja aproveitada também pelas mulheres e não ser mais um factor de exclusão.

Helena Roseta

Eu penso que isso se cruza muito com a intervenção que fez a Maria Odete quando ela fala da experiência que teve no terreno de concretizar junto de empresas de um universo enorme de trabalhadores medidas positivas, no conjunto das acções que fizeram certamente caberá em programas desse género considerar a hipóteses da tal segunda oportunidade e portanto considerar quase com uma obrigatoriedade das empresas e do Estado.

Criar condições para que no âmbito do emprego as pessoas tenham essa possibilidade porque se não estamos neste momento a perder para a literacia jovens de 16, 17, 18 anos que é uma coisa trágica, não são só os sectores mais velhos, é a própria camada jovem que está a ficar de fora e portanto Portugal depois não vai conseguir competir.

Não há competitividade que nos chegue e já não falo só da democracia mas da nossa própria sobrevivência económica.

Helena Cidade de Moura

Há uma coisa que eu acho que é extremamente indispensável que se faça, mas não só porque a nossa taxa escolar é pequena mas porque a literacia não pode estar ligada só às escolas, a literacia está ligada ao discurso do político. Se ele faz um discurso que ninguém entende, está ele próprio é iletrado e está a criar iliteracia.

Há uma forma honesta de viver intelectualmente que se perdeu totalmente em Portugal. Eu que tinha 50 anos no 25 de Abril e que tive a sorte de ter amigos do meu pai como António Sérgio e tantos outros.

Eu fico parva como é que as crianças vivem hoje sem intelectuais perto delas, porque estão ausentes, só dizem tolices, escrevem tolices. Não quer dizer que sejam todos mas quer dizer alguns tipos fazem livros muito bonitos que são sensacionais e são uma classe à parte.

Todos os países têm isso e às vezes quanto mais miseráveis são mais essas pessoas têm criatividade. Mas realmente uma relação litrácica que forme homens e mulheres isso desapareceu da parte dos professores, dos media e nem falo da parte da justiça porque ninguém percebe o que eles dizem. Não há realmente a necessidade de criar as outras pessoas e sem pessoas não há democracia.

Conceição Brito Lopes

Eu só queria levantar uma questão que não sei se poderá ser respondida agora pela Fernanda. Disse que no 25 de Abril “verdadeiros antifascistas eram poucos”. Eu não sei qual o sentido que deu à expressão “verdadeiros antifascistas”, mas eu creio que havia muitos antifascistas que faziam parte da maioria silenciosa. Porque a adesão maciça do povo português a uma revolução para aniquilar o fascismo, significa que havia muitos antifascistas em Portugal. Dependendo do sentido que a Fernanda deu à expressão “verdadeiros antifascistas” porque antifascistas activos e militantes será uma coisa, “verdadeiros antifascistas” é outra completamente diferente.

Fernanda Lopes Cardoso

“Verdadeiros antifascistas”, são aqueles que encontraram em si próprios as forças suficientes para tomar uma posição e ficar antifascista. A maior parte das pessoas não se sentia muito solidária com o fascismo, mas também não se sentia não solidário. Eu lembro-me quando voltei para Portugal, estive exilada durante 10 anos, em 1971 voltei e fazia parte da Comissão de Socorro aos Presos Políticos, foi uma experiência breve que de facto eu não era capaz de continuar porque eu não era bem-vinda à casa dos presos, as famílias não estavam interessadas em ter conversas connosco porque de facto os presos também eram incómodos para as próprias famílias.

A minha família apoiou-me sempre que necessário, mas havia pessoas muito próximas que consideravam que eu cometia um erro em denunciar determinadas coisas que se passavam porque eu assim estava a por em perigo não só eu própria como as pessoas das milhas relações.

As pessoas não eram muito simpáticas, aliás isto aconteceu em Itália, o caso de Itália era paradigmática. Os resistentes entre 1943 a 45 sofreram a perseguição violenta por parte da população, que não era necessariamente fascista e também tinha sofrido com o fascismo. Mas tinham medo e ficavam

preocupados com os alemães, era uma realidade diferente da nossa. Se numa determinada aldeia havia um acto de resistência era toda a aldeia que sofria.

Helena Roseta

Eu acho que a Fernanda citou agora uma palavra importante que é a palavra medo e o que muitas vezes explica que muitas pessoas mais não intervenham é de facto a palavra medo.

Mas agora o que eu sinto é que neste momento em Portugal e não há fascismo nenhum estamos em democracia, continua a haver muita gente que não intervém por razões de comodismo de conforto de outras coisas que queiram, mas há muita gente neste momento que não intervém por medo. Eu recebo inúmeras cartas e telefonemas, pedidos de reunião de pessoas que dizem que querem falar comigo por os mais diversos assuntos e eu digo assumo e não sei que, “não posso porque depois vou ter problemas no emprego”.

A palavra medo é um dos piores inimigos da palavra democracia.

O 25 de Abril também fez-se contra isso, para acabarmos com isso e acho que é um desafio 30 anos depois termos de agir contra esse clima de intimidação e a única forma de reagir à intimidação é expô-la ao luz do dia para que efectivamente as pessoas não estão sozinhas e quando há uma pessoa que ser discriminada e que é perseguida e pode sentir medo de reagir tem de saber que há outros que podem estar com ela e temos de combater esse medo porque o medo voltou.

Pode não ser o medo físico que lhes façam mal, mas têm medo de perder o lugar, de perder uma oportunidade, de não serem promovidos, tem medo de ter chatices no emprego. Em política isso é infernal. O medo de tomar posição porque se tomarem posição já não vão para a lista já não o põe como deputados. Há este ambiente que é destrutivo e penso que temos também este dado para combater. Não sei se a sala partilha desta análise, mas sinto isto.

Interveniente não identificado

Dois pequenos comentários e um deles tem que ver nas escolas haver pouco espaço para os professores fazerem trabalho com os alunos. Os programas das escolas são fortemente informativos e depois há poucos espaços para professores e alunos terem criatividade, fazerem teatro e visitas de estudo por exemplo. E esses pequenos espaços de criatividade quanto a mim eram extremamente importantes para que os jovens pudessem perceber que há outras coisas para aprender para além daquilo que vem escrito nos livros e que até hoje os obriga a “empinar”.

Eu tenho uma filha e muitas vezes estudo com ela e por vezes fico com cabelos em pé. Gosto muito de filosofia e muitas vezes tento recitar com ela o ponto de filosofia que vai ter no dia seguinte e começo a questioná-la e ela diz “desculpa pai mas agora não tenho tempo para perceber essas coisas, eu agora tenho de ter boa nota e tenho de saber isto de cor” e eu fico completamente siderado.

Estes espaços em termos de actividades livres durante um certo período dá-me ideia que existiu com o governo anterior, mas depois dá-se uma coisa que é também à portuguesa. Houve umas certas interrupções antes ou depois da Páscoa e os professores aproveitaram para ir à sua vida, deixando os alunos também todos contentes porque não tinham aulas. Às vezes criam-se

oportunidade do ponto de vista político e depois a própria sociedade se encarrega de os anular devido à nossa baixa cultura.

É apenas um apontamento porque às vezes estão criadas as condições mas faltam outras e há que saber lidar com isto.

Outro comentário vem a propósito da questão que foi levantada e eu sinto isso que muitas vezes. Os oradores refugiam-se numa fraseologia especializada, fazem exposições numa linguagem extremamente hermética como forma de se protegerem de questões incómodas.

E o que digo sempre quando estou nessas situações e às vezes estou com amigos meus é que nós temos de fazer perguntas que os obriguem a desmascarar-se, no fundo que os obriguem a dizer "está bem a gente não quer saber o que é que a ciência diz sobre este ou aquele aspecto, no fundo queremos saber como é que você se coloca perante esta matéria que nos está a expor, no fundo o que é que você sente".

Esta linguagem tecnocrata é como uma defesa dos técnicos especializados mas que nós podemos combater com questões que os obriguem a abrir o jogo.

Interveniente não identificada

Eu só queria reafirmar o que a Helena falou, que houve um tempo que as pessoas não conheciam os seus direitos, conseguimos ultrapassar essa situação para as pessoas conhecerem os seus direitos, hoje estamos na situação de conhecermos os direitos e não os exercemos por medo.

É medo porque ali ao lado fechou e eu fico sem emprego; é medo que não utilizo o direito da maternidade porque depois não levo o prémio não sei quantos; é o medo se falo não me dão aquela categoria.

Este medo está institucionalizado, há uma consciencialização de direitos que não havia, travamos essa batalha e conseguimos. Mas agora quando as pessoas têm problemas dizemos que vamos confrontar a empresa, vamos para tribunal e "isso não porque depois fico sem emprego ou com dificuldades".

Esta questão do medo e a falta de solidariedade entre as pessoas, entre os trabalhadores. Eu acho que este trabalho que foi feito de envolver todos mesmo no local de trabalho, independentemente de ser a questão da maternidade ou do acesso à promoção, ou da igualdade salarial, envolveu todas as pessoas e só foi possível graças a essa envolvência e as pessoas deixaram de ter medo, porque era uma questão de mulheres mas a ideia foi dada se as mulheres tiverem este direito, os direitos serão salvaguardados para todos.

Eu acho que esta ideia de acabar com medo, solidariedade e unidade entre as pessoas estamos a caminhar para uma sociedade de individualismo de egoísmo, do "salve-se quem puder", penso que era importante dar esta tónica neste painel que estamos numa sociedade com medo, num estado de direito mas com medo.

Neste congresso que lembra o 25 de Abril e que foi criado em sentido lato da solidariedade entre todos e de abolir as discriminações, tem de ser um grito de alerta deste trabalho desta tarde.

Sónia Dantas

O meu nome é Sónia Dantas. Sou socióloga e achei muito interessante as comunicações e aquilo que estava a dizer relativamente ao medo tem muito

que ver com o que disse a Helena Cidade de Moura, relativamente à ausência de conhecimento de qual é o papel dos intelectuais ou o papel que as elites podem ter nessa distância.

Depois o que disse sobre a linguagem tecnocrata acho que não é só em termos de discurso, mas também em termos da ciência porque acho que muitas vezes se usa tecnologia científica sem o domínio do que ela traduz para criar esse tal fosso e esse fosso gera medo.

As pessoas acabam por ter medo da participação porque muitas vezes desconhecem o âmbito e a amplitude que podem participar. Ainda para mais a valorização muito de um determinado estatuto social em que a visibilidade económica e de emprego é fundamental e não de conhecimento.

As pessoas participam para garantir de alguma maneira a sua posição seja económica, seja social e não para construir o “*pup pull*” das ideias. Isso também se vê nas academias, nas universidades, vê-se nos pareceres técnicos e na discussão para tentar encontrar soluções para problemas reais, concretas ou do ponto de vista do trabalho em que as pessoas ou não participam ou participam em função daquilo que a participação pode-lhes trazer em termos de grupo ou pessoais.

Uma coisa que achei interessante de alguma maneira no debate é que a discussão, as pessoas que estão aqui têm provavelmente visões diferentes sobre as coisas e é possível trocar opiniões. O contrário acho que é um défice democrático que se sente cada vez mais a vários níveis da intervenção social e, nesse sentido, este debate pode trazer a tal achega que estava a falar e de discutir o que é o modelo de desenvolvimento, que no fundo é o modelo democrático.

Interveniente não identificada

O que tenho para dizer é muito rápido. Eu não sei se percebi bem mas o quadro que estava à nossa apreciação dizia que exactamente não havia intelectuais em Portugal. O que se constava é que não existia a tal intelectualidade que devia haver. O medo de que nós temos de participar porque não sabemos não é esse. Nós vemos muita gente a participar e os tais iletrados não tidos como tal e constam no tal quadro, era só para saber se tinha percebido tem.

Referiu o medo com o medo de participar e de perder o emprego, mas isso é um medo que existe até para os ousados. As pessoas podem ser ousadas e exigir quando é necessário, mas sofrem as consequências, cortam-lhe a cabeça na primeira oportunidade. Portanto nós nunca podemos incutir esse medo a comportamentos individuais de pessoas que o têm, porque na verdade têm motivos para o ter.

A única coisa que podemos questionar é uma democracia onde existe medo e já todos concordamos que existe medo em Portugal. Portanto se existe medo que democracia temos?

E medo de perder questões essenciais como o emprego, como o reconhecimento e, servindo-me das palavras da Helena Cidade Moura, o desemprego é a morte social. Portanto como agir face a situação que nós sabemos que é antidemocrática?

E todos concordamos que existe mas gostaria era de ver as pessoas a contar porque às vezes não se sabe. Poucas vezes não se quer, é mais vezes que não se pode, temos mais não poder do que não querer, penso eu.

Helena Roseta

Eu penso que isso nos levava a um novo painel e que, aliás, é bastante interessante e podemos fazer a sugestão que esse tema seja aprofundado, porque é um tema importante, está toda a gente a reconhecer que esta questão do medo é importante. Não somos capazes de aqui nestes poucos minutos de encontrar uma saída.

É um problema da democracia, a circunstância de reconhecermos que há medo e que o medo leva as pessoas a não intervir e a não participar e a não dizer, é um problema da democracia porque fizemos o 25 de Abril para acabar com o medo e constatamos 30 anos depois que há medo, por outras razões, por outras circunstâncias, por outras causas, etc.

Parecia importante que este painel salienta-se isto, eu penso que para analisar isso teríamos de prolongar longamente o debate mas que há uma coisa que é certa, que é a primeira coisa a fazer para terminar com o medo é nomeá-lo, e reconhecer que ele existe e isso já é muito importante, para não vivermos numa ficção que as pessoas não participam só porque não estão para isso, as pessoas não participam em condições muito concretas da sua vida individual que as aconselha a estar muito quietinhos para conseguirem sobreviver e isso é um desafio à democracia.

Acho que devemos sublinhar isso nas conclusões deste painel e acho que com as intervenções que fizeram, eu pedi cópia de todos os documentos ia tentar redigir um pequeno relato para amanhã no plenário.

Helena Cidade de Moura

A dinâmica cultural está na base do medo e as coisas estão interligadas. A dinâmica cultural é uma coisa mais positiva de se encarar o medo, habituar as pessoas a mostrarem aquilo que fazem e a dizer, por dinâmica cultura e não dizer porque não têm medo.

Helena Roseta

Acho que isso confere com a chamada de atenção que nos foi feita, o problema não é individual de apelo a qualquer espécie de heroísmo mas de criar condições, e a Helena está a dar um elemento importante essa tal dinâmica cultural, o combate à iliteracia a informação a solidariedade a interajuda tudo isto são formas de combater isto.

Eu ia terminar os nossos trabalhos, queria agradecer e acho que tivemos contribuições muito importantes. Uma coisa que queria dizer no final tivemos aqui intervenções muito militantes e empenhadas mas contribuições de investigação, isto é as pessoas que trouxeram aqui trabalhos de uma vida, que representam ou uma investigação teórica de estudo do problema ou uma investigação no concreto, na prática aplicada e penso que isso dá um valor muito especial a estas comunicações. Não são pessoas que ao final do dia se lembraram de escrever umas coisinhas, o que veio aqui qualifica muito o resultado deste painel.

São trabalhos de investigação aplicada ou teórica mas que representa um grande empenhamento das pessoas com grande nível na profundidade da investigação que fizeram. Eu facilito aqueles que apresentaram as comunicações pela qualidade dos vossos trabalhos e agradeço a todos a ajuda que me deram para conduzir o nosso debate.